

**PORTUGUESE A2 – HIGHER LEVEL – PAPER 1**  
**PORTUGAIS A2 – NIVEAU SUPÉRIEUR – ÉPREUVE 1**  
**PORTUGUÉS A2 – NIVEL SUPERIOR – PRUEBA 1**

Monday 19 May 2003 (morning)  
Lundi 19 mai 2003 (matin)  
Lunes 19 de mayo de 2003 (mañana)

2 hours / 2 heures / 2 horas

---

**INSTRUCTIONS TO CANDIDATES**

- Do not open this examination paper until instructed to do so.
- Section A consists of two passages for comparative commentary.
- Section B consists of two passages for comparative commentary.
- Choose either Section A or Section B. Write one comparative commentary.

**INSTRUCTIONS DESTINÉES AUX CANDIDATS**

- Ne pas ouvrir cette épreuve avant d’y être autorisé.
- La section A comporte deux passages à commenter.
- La section B comporte deux passages à commenter.
- Choisissez soit la section A soit la section B. Écrire un commentaire comparatif.

**INSTRUCCIONES PARA LOS ALUMNOS**

- No abra esta prueba hasta que se lo autoricen.
- En la Sección A hay dos fragmentos para comentar.
- En la Sección B hay dos fragmentos para comentar.
- Elija la Sección A o la Sección B. Escriba un comentario comparativo.

*Escolha a Secção A ou a Secção B.*

### SECÇÃO A

*Analise e compare os dois textos seguintes.*

*Aponte as semelhanças e as diferenças entre os dois textos e o(s) seu(s) respectivo(s) tema(s). Inclua comentários à forma como os autores utilizam elementos tais como a estrutura, o tom, as imagens e outros artifícios estilísticos.*

#### **Texto 1 (a)**

... esta é a casa em que desperto; esta a hora; a casa está em ruína, as paredes desfazem-se; é uma casa antiga; entra-se; a escada hoje é apenas uma sombra; depois do primeiro andar segue em vertigem por aí acima povoada dos passos das gerações passadas; tudo é ausente como uma derrota; a comprida sacada sobre o frontão triangular abre-se para a planície no  
5 além do largo; dentro da sala do candelabro, dos quadros e do espelho, o frio dos móveis arrepiou a vida; um vento duro estremece as vidraças durante o dia todo assustadoramente; odeio o vento; foi nesta sala que eles viveram e sonharam, jovens de cabelos brilhantes, longos, densos, raparigas de pequenos peitos e de olhar tão triste, quase velho, mordendo a sua noite e caminhado ainda como uma desgraça pelos corredores, pelas cozinhas e caves  
10 e dispensas onde se falava a língua do terror<sup>1</sup>; mais tarde também a da revolta; criadas querendo e temendo os patrões impudentes; no escritório de baixo, houve pela primeira vez uma nódoa de sangue; foi igualmente ali que depois esteve a doida, eternamente às escuras para não convidar na rua os homens que passavam, tantos anos seguidos, que por fim, ninguém falava dela; lembro-me ainda do dia em que morreu; tinha eu sete anos; era  
15 por certo já maior do que ela, tão mirrada, tão escura, tão nojenta; vieram acordar-me numa manhã como esta e abriram a janela e disseram: a tia-avó morreu; qual tia-avó?, a louca, e neste seu só nome vinha todo o alívio e o desprezo; depois vestiram-me de preto como ela (...) veio muita gente de fora, entravam e saíam, todos falavam em segredo; fui obrigada a dar a volta à sala para que as senhoras me beijassem e me fizessem festa...

Almeida Faria, *A Paixão*, 1972, Portugal

---

<sup>1</sup> terror – o autor refere-se aos tempos da repressão pela ditadura, em Portugal.

**Texto 1 (b)**

**Aos 64 anos, o médico e pesquisador Iván Izquierdo exhibe uma produtividade invejável. Decidido a desvendar os mistérios da memória, produziu 469 artigos científicos publicados em periódicos nacionais e estrangeiros. (...) É sobre o movediço mundo das recordações e da memória que ele fala nesta entrevista:**

- 5 **Época – O senhor costuma dizer que somos aquilo que recordamos e também o que resolvemos esquecer. Esse processo é consciente?**

Iván Izquierdo – Fazemos um esforço consciente para esquecer coisas desagradáveis, como as humilhações. Mas, às vezes, não nos damos conta desse esforço. Existem processos que permitem ocultar certas memórias. Isso é um aprendizado importante. Há  
10 lembranças que precisamos extinguir. Caso contrário, passaríamos a vida fazendo coisas que não nos interessam. Por um mecanismo de autoproteção, o cérebro simplesmente apaga determinada memória.(...)

**E – O esquecimento, então, é importante para saúde mental...**

I – Sem ele, o convívio social seria impossível. Um jogo de futebol, uma reunião de  
15 condomínio ou uma briga de casal acabariam em desastre. Esquecer é uma arte que se aprende lentamente. As pessoas ficam mais tolerantes quando envelhecem porque aprendem a identificar as lembranças que valem a pena e a selecioná-las. Os velhos sabem que é inútil brigar por qualquer motivo.(...)

**E – Como estimular a memória? Palavras cruzadas têm alguma serventia?**

20 I – Fazer palavras cruzadas estimula mais o cérebro do que ficar em casa zapeando a TV sem se concentrar em nenhum programa em especial. O xadrez é um bom exercício, mas envolve um tipo de memória muito especializada nos movimentos do jogo. Não existe nada mais eficiente do que ler atentamente, tentando refletir sobre o texto.

**E – Porquê?**

25 I – A leitura põe em prática a memória das letras, a memória verbal e a memória da imaginação. Até mesmo uma frase simples de três palavras estimula a memória. A sociedade precisa cultivar a instrução e o uso da memória. Para a maioria dos brasileiros, ler é uma excentricidade.(...)

**E – Teremos a pílula da memória?**

30 I – Estamos longe disso. No início da década de 90, o presidente americano George Bush anunciou que aquela seria a década do cérebro. Nos últimos anos, aprendemos muito sobre os mecanismos da memória, mas estamos longe da cura de doenças degenerativas.(...) Enquanto não chegamos lá, a leitura é a melhor prevenção.

Adapt. da Revista *Época*, 1º de Julho de 2002, Brasil

## SECÇÃO B

*Analise e compare os dois textos seguintes.*

*Aponte as semelhanças e as diferenças entre os textos e o(s) seu(s) respectivo(s) tema(s). Inclua comentários à forma como os autores utilizam elementos tais como a estrutura, o tom, as imagens e outros artifícios estilísticos para comunicar os seus propósitos.*

### Texto 2 (a)

#### **Infância**

Meu pai montava a cavalo ia para o campo.

Minha mãe ficava sentada cosendo.

Meu irmão pequeno dormia.

Eu sozinho menino entre mangueiras<sup>1</sup>

- 5 Lia a história de Robinson Crusóé,  
Comprida história que não acaba mais.

No meio dia branco de luz uma voz que aprendeu  
a ninar<sup>2</sup> nos longes da senzala<sup>3</sup> – e nunca se esqueceu  
chamava para o café.

- 10 Café preto que nem a preta velha  
café gostoso  
café bom.

Minha mãe ficava sentada cosendo

Olhando para mim:

- 15 – Psiu... não acorda o menino.  
Para o berço onde pousou um mosquito.  
E dava um suspiro ... que fundo!

Lá longe meu pai campeava.

No mato sem fim da fazenda

- 20 E eu não sabia que minha história  
Era mais bonita que a de Robinson Crusóé.

Carlos Drummond de Andrade, *Poesia e Prosa*, 1983, Brasil

---

<sup>1</sup> mangueiras – árvores de fruto tropicais.

<sup>2</sup> ninar – adormecer um bebé.

<sup>3</sup> senzala – conjunto de alojamentos destinados aos negros.

**Texto 2 (b)**

Derivan Ferreira Lima tem as mãos esfoladas de carregar folhas de sisal, uma planta dura, áspera e ácida da qual se retira a fibra que dá maciez aos colchões de dormir. Derivan tem 11 anos. Desde os cinco trabalha para a Sisaleira Retiro, em Retirolândia, no interior da Bahia. Derivan apanha feixes num depósito e leva os até uma máquina de beneficiamento, a batedeira. É um trajecto de 100 metros, que percorre e repercorre doze horas por dia, cinco dias por semana. Numa jornada de trabalho, carrega uma tonelada de sisal. A seu lado, labuta outro garoto, que acabou de completar 10 anos. Mais adiante fica Luciana dos Santos, de 13 anos, uma das mais aplicada no serviço. Como os meninos, Luciana passa o expediente com um lenço amarrado no rosto, como uma máscara. É um cuidado para evitar que a fuligem do sisal contamine os pulmões.

Derivan é um dos 7,5 milhões de trabalhadores brasileiros com menos de 18 anos que ocupam 11,6 % dos empregos disponíveis no país. Entre estes pequenos trabalhadores, o menino baiano está entre os 3 milhões na faixa de 10 a 14 anos, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Se fossem consideradas uma categoria profissional, essas crianças – cujo trabalho só é legalmente autorizado a partir dos doze anos de idade, e ainda assim com o carácter de aprendizado – seriam duas vezes mais numerosas que os trabalhadores da construção civil, a maior do Brasil, com 1,5 milhões de operários. Somam quatro vezes o número de bancários e cinco o de metalúrgicos.

Nem todo mundo pára de estudar porque pegou no batente<sup>1</sup>, mas é claro que não dá para queimar as pestanas depois de uma jornada mais dura. Apenas 39 de cada 100 crianças que trabalham terminam o 1º grau<sup>2</sup>. E isso em escolas que, muitas vezes, já têm um padrão de ensino muito baixo. “Os alunos que estudam à noite, chegam tão cansados que facilitamos a matéria para eles”, diz Katia Gouveia, professora na região de Matão, no interior de São Paulo, onde 70 % dos alunos do 1º grau trabalham.”

Revista *Veja*, 30 de Agosto de 1995, Brasil.

---

<sup>1</sup> batente – trabalho com o qual se ganha a vida

<sup>2</sup> 1º grau – ensino primário.

---